

MATTOSO, Glauco. *Tripé do tripúdio e outros contos hediondos*. São Paulo: Tordesilhas, 2011.

Na nota introdutória de suas *Seis propostas para o próximo milênio*, o ilustre ensaísta italiano Ítalo Calvino chama a atenção para a singularidade do fenômeno literário, sublinhando o fato de que “há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos pode dar” (1990, p. 11). Ou seja, sem menosprezar as possibilidades textuais e genológicas que a contemporaneidade (ou, a pós-modernidade, para os que assim preferirem) oferece aos seus leitores, somente a literatura, com seus múltiplos recursos e instrumentos, teria a condição de ofertar uma gama de representações das mais variadas ordens, operando um jogo salutar entre fantasia/imaginação e realidade.

Tal efeito de dádiva explícita da literatura do milênio, a que Ítalo Calvino se referia, pode ser observado ao longo dos textos que compõem o mais recente livro publicado do escritor paulista Glauco Mattoso. Poeta, ficcionista, tradutor e ensaísta, o autor de *Tripé do tripúdio e outros contos hediondos* (2011) é um nome que já dispensa longas apresentações. Ganhador do Prêmio Jabuti, juntamente com Jorge Schwartz, pela tradução de *Fervor de Buenos Aires* (de Jorge Luis Borges), em 1999, Glauco Mattoso vem produzindo ainda de maneira contínua ficção, poesia, ensaio, além de participar ativamente em periódicos e de se apresentar em palestras, conferências e entrevistas, sem perder de vista o seu papel como intelectual e a sua maneira de pensar o mundo sob a ótica do homoerotismo.

Mas, isto também não pode ser utilizado como um dado redutor da

*Professor Adjunto de Literaturas de Língua Portuguesa (Subáreas: Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor convidado credenciado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP/Araraquara).

obra e da produção do escritor paulista. Profundo conhecedor das teorias e da crítica literárias, Glauco Mattoso oferece aos seus leitores, em *Tripé do tripúdio*, algumas lições singulares sobre as possibilidades específicas que somente os seus textos literários poderiam dar.

E uma delas reside no efeito metatextual na abertura de todos os contos da obra, quando, numa tentativa de quebrar o efeito mítico instaurado pela referência à composição dos seus próprios sonetos, o autor transforma-se ele mesmo em figura ficcional e instaura um certo “discurso substancial”, segundo a feliz expressão de Antônio Vicente Seraphim Pietroforte, no seu belíssimo e esclarecedor posfácio “A construção da realidade segundo Glauco Mattoso”.

À princípio, a auto-citação poderia ser entendida como uma forma de referendar e dar ao discurso ficcional uma condição única de referencialidade, já que cada conto é introduzido pela confissão da fonte inspiradora de sua veia poética, além de ter seus temas narrados pelas vozes deste sujeito autoral (ficcional), também chamado Glauco, e de outros personagens referenciais, transformados também em criaturas. Mas, numa espécie de armadilha bem urdida e criada pelas mãos astuciosas de seu autor, as linhas que separam a referencialidade do seu nome e da ficcionalidade estabelecida na transformação de criadores existentes em criaturas ficcionais vão sendo gradativamente diluídas, efeito, aliás, diga-se de passagem, que aguça mais ainda a sedução de leitura dos textos.

O que se poderia imaginar, portanto, um texto na ordem do referencial, porque ratifica os meios de sua criação, acaba por instaurar um efeito contrário. Partindo do fenômeno literário – a escrita poética publicada, portanto, temporalmente marcada e documentada –, cria-se toda uma aura de ficcionalidade, incrementada pelos relatos de outros colegas escritores (Carlos Carneiro Lobo e José Maria Travassos) e de eventuais amigos (como o Daniel, “balconista da farmácia”). Não se engane, portanto, o leitor menos avisado. São contos os textos que compõem o *Tripé do tripúdio*, ficção pura e genuína de mãos acostumadas ao ofício da composição narrativa.

Neste jogo de trocas, onde também se fazem presentes citações de obras literárias, de outros autores e seus próprios [como o “Soneto 139 oroerótico (ou oroteórico)”, no conto “O zelador felador”], salta aos olhos a preferência temática de Glauco Mattoso pela podolatria (como nos contos “O desocupado”, “O michê bichado”, “Estatura da criança e do adolescente”, “A noite do porteiro”, “O quichute do quíchua” e “As sandálias da humildade”), pelo sado-masquismo e suas variantes do jogo de dominação (“O aprendizado”, “Dominação no condomínio”, “Provação e reprovação”, “Cárcere privê”, “A chanca e a cancha” e “A semente semita”), pela violência – e, não se iludam os leitores, porque ela não é gratuita – (“Tripé do tripúdio”, “Jugo conjugal”, “O incomodado que não se mudou” e, também, “Dominação no condomínio”) e por uma poética do hediondo (“Dialética diurética”, “Papel anti-higiênico”, “O sexagenário sedentário” e “O zelador felador”), aliás, expressão que, não gratuitamente, também figura no título da coletânea.

Incidindo diretamente sobre uma poética do hediondo, Glauco Mattoso consegue demonstrar sua bagagem de saberes, quando, dentro da construção dos contos, deixa transparecer um certo conhecimento etimológico do termo que caracteriza os gêneros da coletânea. Como bem nos lembra Antonio Houaiss, “hediondo” é não só aquilo “que apresenta deformidade, que causa horror, [...] que que provoca reação de grande indignação moral, [...] que é sórdido, depravado, imundo”, mas também, “o que exala odor nauseabundo, fedorento, fétido” (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 2001, p. 1510). Variante de “foetibundus”, chega-se ao “hediondo” a partir de uma correlação com “fediondo”.

Ora, tal ênfase na repugnância, naquilo que causa uma certa reação de asco e de surpresa, acaba por se tornar a chave mestra para se entender o exercício da criação mattosiana. E, sem querer roubar o prazer ao leitor, vale lembrar que o conto “O zelador felador” constitui uma evidência metatextual desta prática de escrita. Nele, reúnem-se os personagens poetas para discutir o “tema orogenital” (MATTOSO, 2011, p. 123) e as situações de humilhação e dominação geradas pelo ato do

sexo oral. Além de colocar em pauta certas perspectivas conservadoras, como as de um Paul Ableman, em *A boca sensual*, criticado pelo seu “machismo troglodita” (Ibidem, p. 123) por Agesilau Ararigboya, os personagens vão relatando experiências com o intuito de frisar a própria tônica criadora das narrativas mattosianas, aliás, já sublinhada pelo próprio sujeito autoral ficcional: “A verdade pura e simples é que a chupeta animaliza quem chupa, emporcalha o ser humano, e, não fosse isso, nem teria graça!” (Ibidem, p. 124).

Mas, também, não se deve aqui confundir a homossexualidade explícita dos partícipes deste diálogo e do seu próprio autor como algo que, inevitavelmente, só possa ser expresso pela via do obscuro, do asqueroso, do permissivo ou do abjeto. Muito pelo contrário, longe de querer configurar um enredo de intrigas adocicadas e bem comportadas, regidas por um conservador código burguês e heterossexista, o seu autor opta por uma fuga dos lugares-comuns, até mesmo os da chamada “*gay fiction*”, e opera uma ruptura radical de qualquer código castrador e impeditivo de expressão de uma absoluta liberdade. Talvez, por isso, o personagem autoral concorde com uma certa visão canônica, adotando-a e adaptando-a à sua condição assumida de alguém que não só deseja um outro do mesmo sexo, mas também com este outro alimenta um incontrolável desejo, um fetiche mesmo, de realizar atos fora dos padrões comumente aceitáveis. Daí, compreende-se a sua confissão, diante da leitura de um trecho de *O beijo mais íntimo*, de Gershon Legman: “Não é porque sou gay que descarto esse componente sadomasoquista na dose de sujeira que o felador ou a felatriz tem de suportar. Pelo contrário: isso só reforça o fascínio do tabu. Quanto menos puro, mais sublime.” (Ibidem, p. 126).

Nada mais sintomático para expressar a perspectiva criadora de Glauco Mattoso: quanto menos puros os atos sexuais, as relações homoeróticas (ou mesmo, as heterossexuais, como no conto “Jugo conjugal”), os relatos e as descrições do sexo anal, da coprofília e da podolatria, mais sublimes esses elementos se tornam e assim permanecem no instante em que se transfiguram como matéria literária destes “contos

hediondos”. Afinal, na concepção criadora mattosiana, são sublimes exatamente porque são fétidos, fedorentos, e podem realmente causar, aos leitores mais conservadores e admiradores de uma prosa comportada, uma sensação de horror e de abjeção.

Mas, como bem alerta Antônio Vicente Seraphim Pietroforte, em seu inteligente e arguto posfácio, o leitor não habituado à escrita mattosiana não deve cair na armadilha de considerar tal texto uma “mera pornografia” (ibidem, p. 183). Antes, deve estar atento e sensível a uma prática escritural tensa de uma “literatura marcada pela tortura, e não pela carícia, e por pés na maioria sujos e grosseiros, ao invés de pés suaves e delicados” (ibidem, p. 182).

Aprendendo, portanto, a lição poética de Bocage (“Pois se é isto o que tanto se namora, / Em ti mijo, em ti cago, oh formosura!”; BUENO in: *Antologia Pornográfica de Gregório de Mattos a Glauco Mattoso*, 2004, p. 128) e relendo-a na dimensão de seu tempo e de sua condição existencial homossexual, Glauco Mattoso, com *Tripé do tripúdio*, consegue definitivamente aquele efeito de “depuração minuciosa” das frases.

Ora, se como nos faz crer Daniel, o balconista da farmácia, personagem-narrador de “Jugo conjugal”, “a arte não consegue imitar a vida quando o negócio é sadismo ou sacanagem, não sabe? Nenhum escritor retrataria certas realidades, e se retratasse seria acusado de invencionice.” (ibidem, p. 148), então, nada mais fica por dizer a não ser hedionda e salutar invencionice esta de Glauco Mattoso. Que venham outras e que fique para o leitor o sempre renovado prazer de poder experimentar e contatar tais relatos. Pelo menos, pela via da leitura.